

Lourenço, Eduardo (1966), In: *O Tempo e o Modo*, 34-39.

Lourenço, Eduardo (1984), «Entrevista». *Prelo. IN/CM.*

Maria Manuela Rocha Cruzeiro

Perfazer o tempo: a propósito de *O tempo das mulheres*, de Isabel Allegro de Magalhães

322

*Time is male
and in his cups drinks to the fair*

[Adrienne Rich,
Snapshots of a Daughter-in-Law]

O tempo das mulheres foi a tese de doutoramento em Estudos Portugueses que Isabel Allegro apresentou à Universidade da Califórnia-Santa Bárbara em 1985, no termo de um período de cinco anos como leitora do ICALP nos Estados Unidos. Mais tarde apreciada para equivalência, e muito justamente aprovada, por um júri de especialistas proposto pela Universidade Nova de Lisboa, onde a candidata tinha entretanto passado a exercer funções docentes, a dissertação viria depois a ser publicada em Lisboa pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda (*O tempo das mulheres: A dimensão temporal na escrita feminina contemporânea* [1987]). E em boa hora. *O tempo das mulheres* é um importante estudo da ficção portuguesa escrita por mulheres nos últimos trinta anos aproximadamente. *A sibila* de Agustina Bessa Luís (1954) e *Lúcialima* de Maria Velho da Costa (1983) marcam o início e o termo cronológicos do seu campo de investigação empírica. Outras obras e outras autoras consideradas no *corpus* do trabalho são ainda Bessa Luís (*Fanny Owen* [1979]), Velho da Costa (*Maina Mendes* [1969]), Olga Gonçalves (*A Floresta em Bremerhaven* [1975] e *Este verão o emigrante lá-bas* [1978]), Teolinda Gersão (*O silêncio* [1981] e *Paisagem com mulher e mar ao fundo* [1982]) e, finalmente, Lídia Jorge (*O dia dos prodígios* [1980]).

O trabalho, de organização muito clara e excelente apresentação, estrutura-se em três grandes capítulos, muito logicamente subdivididos em diversos núcleos teóricos ou temáticos, e rematados por uma sínté-

tica conclusão, aliás, cautelosamente intitulada «Conclusões», cujas palavras de abertura encerram o tom de modesta prudência científica dominante em todo o trabalho: «No termo destas páginas parece possível fixar alguns dos resultados...» (p. 495). O primeiro capítulo, por sua vez, consta de uma primeira parte concebida como uma reflexão preliminar sobre o tempo, de um ponto de vista filosófico, e de uma segunda parte que considera o tempo enquanto categoria estético-literária. Para além de revelarem a vasta erudição académica e a sólida formação filosófico-humanística da autora, que se move com invulgar à-vontade (e invejável domínio de várias línguas) por entre os mais relevantes pensadores da problemática do tempo na tradição ocidental — de Platão a Aristóteles e Santo Agostinho, de Kant a Heidegger e Sartre —, ambas as partes deste primeiro capítulo têm a sua pertinência teórico-metodológica na concepção e elaboração de um trabalho universitário desta natureza. A segunda parte, sobretudo, intitulada «Tempo e ficção», a cujos pressupostos teóricos preside prioritariamente o clássico *Time in Literature*, de Hans Meyerhoff (1955), é em si uma boa síntese de teoria literária sobre o problema da relação entre a experiência do tempo e a criação poética.

Não creio, no entanto, que resulte plenamente conseguida a articulação entre a especulação teórica nesta segunda secção do primeiro capítulo e a análise dos romances no corpo principal do trabalho. Dir-se-ia, com efeito, que as leituras rigorosas e perspicazes que nos oferecem dos romances tratados as diversas secções do longo terceiro capítulo facilmente dispensariam, na sua consistência, o fundamento teórico desenvolvido nesta segunda parte do primeiro capítulo. Ao estudar *A sibila*, por exemplo, a autora socorre-se a dado passo de uma citação de Meyerhoff (p. 216); mas é evidente nessa página que, para o saber que a autora se propõe construir sobre a escrita das mulheres portuguesas de que se ocupa, bem mais importante é a reflexão da própria Agustina sobre o «tempo ético», aliás também aí mesmo utilizada pela autora; e talvez mais importante ainda seria, a meu ver, a ponderação intertextual do tema no tecido mais amplo das outras obras de Agustina, enquanto escritora de um certo *tempo português*. Mas isso seria talvez tema para outro estudo diferente deste, como o que a autora anuncia no final do seu livro, um estudo «relevante em ordem a um enten-

dimento das relações mulher-literatura, sociedade-literatura ao longo destas décadas em Portugal» (p. 496).

A verdade, porém, é que o enquadramento teórico deste trabalho suscita perguntas que não são respondidas, ou sequer claramente formuladas. Por exemplo, o tempo de *Maina Mendes*. Será esse tempo épico, lírico, histórico? Perdido, recuperado, à *rebours*? Inventado, onírico, real, supra-real? Será ele o tempo «feminino» metafórico ou o tempo «masculino» metonímico? Por outro lado, também não pode dizer-se que o estudo de Isabel Allegro cumpra, na sua parte principal, a promessa esboçada na introdução teórica: «Vamos ver como a ficção feminina portuguesa de agora sabe utilizar esse extraordinário recurso de distanciação...» (p. 82). Tratava-se aqui do «estranhamento» brechtiano, um tema que não volta a ser invocado no livro, a não ser na referência àquilo a que eu chamaria a *máxima consciência crítica possível* da especialista de literatura, que sabe não saber «quanto 'brechtianamente' fora do palco da história» lhe é possível colocar-se (p. 495); nem há jamais a preocupação de esclarecer se é por ser «feminina» que «a ficção feminina portuguesa de agora» tão bem se socorre daquele recurso estético. Finalmente, relendo as argutas, elegantes páginas que Isabel Allegro escreveu sobre o tempo de *O dia dos prodígios* (o tempo «mágico» da cobra, o tempo «real» da revolução, e o tempo antes e o tempo depois desses tempos), interrogo-me, uma vez mais, sobre a complexa relação entre a teoria, a crítica textual e o próprio texto poético — para concluir, decididamente, que a teoria, é a teoria literária por maioria de razões, é necessariamente *póster*a. Ou seja, os dois capítulos introdutórios deste livro, que dão a chamada consistência teórica ao trabalho enquanto tese universitária, muito teriam lucrado se tivessem sido capazes de *antecipar* (à maneira de Lídia Jorge, descrita por Isabel Allegro [p. 488]) os magníficos estudos que se lhes vão seguir.

O reparo terá talvez até mais pertinência em relação à primeira secção, que tem, de resto, o lúcido mérito de se assumir como mero «tecido cerzido de múltiplos fragmentos de noções e visões do mundo» (p. 65). Com efeito, nessa parte demasiado se deixa transparecer uma preocupação excessiva de acumular reflexões filosóficas consideradas essenciais para o tratamento do tema em causa, mas que não chegam afinal a tocar a questão fulcral do

«tempo das mulheres». Só no final dessa secção o problema se põe, e apenas como mera hipótese questionante: «Perante a variedade de reflexões e de concepções sobre o tempo em tantas culturas, por tantos pensadores, ao longo da História... [O] grupo específico que as mulheres constituem poderá eventualmente ser um dos grupos sociais contemporâneos à luz de cuja experiência as diversas concepções do tempo poderão ser iluminadas com tonalidades próprias e portadoras de novidade [?]... *Quid est ergo tempus?* Em que consiste a temporalidade vivida pelas mulheres?» (p. 65).

Até este momento, porém, não houvera qualquer consideração (porque os filósofos consultados também as não incluem) sobre a historicidade das concepções do tempo, para além de referências pontuais às contingências geográficas do «Ocidente» e do «Oriente», ou sócio-antropológicas do «primitivo» ou do «científico». Por outro lado, a autora decidiu evidentemente não incluir entre as suas preocupações teóricas o problema da diferença sexual, de tão ricas tradições recentes nos Estados Unidos (cfr., e.g., os centros de *Women's Studies* e de *Gender Studies*). Será isso porque, «dentro do grande conjunto das letras portuguesas actuais, as escritoras não se [consideram] como autoras sexualmente marcadas?» (p. 497). Mas não, mesmo? Por que razão, nesse caso, se interroga Maria Velho da Costa, ao escrever para fotografias de mulheres de Eduardo Gageiro, «Que outro tempo pode ser este senão o das mulheres?» (Velho da Costa 1982). E, de qualquer modo, não deveria a questão ser teoricamente posta, tratando-se de um tema desta natureza? Ou poderá a opção de Isabel Allegro ser valorizada na perspectiva da prudência metodológica, ou melhor, anti-metodológica (cujo patrono explícito [p. 11] é o Feyerabend de *Against Method*, publicado pela primeira vez em 1975)? Seja como for, é difícil deixar de observar como toda a discussão sobre o (tempo) feminino e o masculino ao longo do segundo capítulo («O tempo das mulheres portuguesas: antecedentes»), aliás interessantíssimo enquanto viagem hermenêutica pelo imaginário literário português, da Idade Média às Vanguardas e ao Neo-realismo, carece — previsivelmente, diria eu — do rigor da definição e da discriminação exactas: afinal, o que se entende por «feminino» e por «masculino»? Será, no fim de contas, que só há um «tempo das mulheres», no sen-

tido preciso utilizado pela autora no corpo do seu trabalho, que é de resto claramente o desenvolvimento da ideia nuclear e original da sua dissertação? Ou seja, haverá em Isabel Allegro de Magalhães outro «tempo das mulheres» que a mera «representação do tempo nas mulheres-personagens dos romances seleccionados das autoras que [escolheu]»? (p. 200).

Não me parece. À agostiniana pergunta que, na página 65, Isabel Allegro nos convida a adaptar ao tempo específico das mulheres (*quid est ergo tempus?*), teríamos necessariamente de acrescentar, com o santo das *Confissões: si nemo ex me quaerat, scio; si quaerenti explicare velim, nescio* (Agostinho 1962:298). É, aliás, interessante observar como esta estudiosa — uma mulher que deliberadamente isolou, para tema de um trabalho científico, um problema, por definição *universal*, circunscrito apenas à experiência e à arte de cinco pessoas do sexo feminino — é interessante observar, dizia eu, como esta especialista escreve por vezes como se a diferença sexual fosse pormenor irrelevante na literatura e na ciência, ou como se, de facto, não houvesse mulheres: «Falar da convenção diegética é também nunca esquecer o tempo do leitor. O tempo material que o leitor dedica a decifrar os signos que outro homem estendeu no tempo sobre uma página de livro» (p. 93).

Mas se o «tempo das mulheres» nesta obra de Isabel Allegro não pode ser senão uma *construção* sua, na análise competente e persuasiva que nos oferece da representação da experiência feminina nos romances escolhidos (e escolhidos, obviamente, por terem sido escritos por mulheres), o que inegavelmente existe neste sugestivo estudo é o entendimento desse tempo das mulheres como a expressão de um desejo ou esperança de felicidade e realização plena (ou «redonda», como tantos homens-pensadores, Goethe e Jaspers, entre outros, lhe ensinam a dizer [p. 412]); uma *perfeição* que se não projecta propriamente na figuração da postura imóvel da esfera estática, mas na dinâmica circularidade do gesto doméstico de uma constante criação centripeta. E aqui teremos de considerar também a própria visão idealista e utópica da autora, que, ao tempo centrífugo de linearidade dispersiva e, em última análise, ininteligível, dissipadora e destrutiva, que entende ser o tempo dos homens, contrapõe o tempo centripeto de circular completude, o tempo, enfim, da esférica acumulação, o tempo da compreensão e felicidade possíveis. Este

último é, em seu entender, o tempo da vivência feminina, mas é um tempo, afinal, que terá porventura problemáticas afinidades com o esférico «tempo imaginário» de alguns físicos teóricos dos nossos dias, maioritariamente do sexo masculino, como Stephen W. Hawking (1988), em demanda de uma sempre esquiva «teoria total» (*TOE*, ou seja, em inglês, a *theory of everything*).

Que esse tempo das mulheres e a sua representação estética sejam compreendidos — neste trabalho de tão ricas leituras da ficção portuguesa contemporânea — a partir da reflexão de filósofos ou da imaginação de poetas (na sua esmagadora maioria, do sexo masculino), que postulam, eles também, a possibilidade da plenitude que supostamente escapa ao tempo dito dos homens — muito nos ensina da inteligência e generosidade intelectual da autora, bem como das virtualidades hermenêuticas da sua confessada recusa do método: «The only principle that does not inhibit progress is: *anything goes*» (Feyerabend 1978:23). É que *O tempo das mulheres* não é uma mera obra «da especialidade» ou «de consulta»; é antes um livro que, tal como os romances que estuda, vale bem a pena ler, pelo que nos obriga a pensar — a nós todos, homens e mulheres — sobre o sentido do nosso *estar-aí* enquanto ainda e sempre também o nosso *por-vir*. Só a imaginação humana compete a demanda da felicidade — o tempo *perfeito* dos poetas. E não é verdade que os poetas frequentemente nos obrigam a transcender categorias definidoras — nos obrigam, por exemplo, a repensar o mito do andrógino?

Dizia o poeta visionário inglês, William Blake, que todos os males da cultura ocidental dominante derivam da dicotomia platónico-cristã, que rigorosamente separou o corpo da alma (cf., e.g., *The Marriage of Heaven and Hell* [Blake 1968:33]). Uma das conclusões da pesquisa de Isabel Allegro de Magalhães parece ser, muito blakianamente, a confirmação celebratória daquele comentário derogatório de Baudelaire sobre a feminina incapacidade de distinguir, na sua vivência, o corpo da alma (cf. *Journaux intimes* L: «La femme ne sait pas séparer l'âme du corps. Elle est simpliste, comme les animaux» [Baudelaire 1954:1221]). Essa suposta incapacidade da mulher pode, com efeito, ser entendida antes como uma faculdade — a faculdade, que todos deveriam procurar aprender, de integrar, numa síntese criadora, o *corpo de estar* e a *alma de ser*.

Quem sabe, aliás, se o comentário de Baudelaire não deixará transparecer o seu quê de invejoso ressentimento. Ou simples ignorância: *o-não-saber-estar-no-corpo* do homem-poeta, que ignora também ele poder ser o andrógino imaginado por Pessoa anos mais tarde. De facto, na sua visão de um «imperialismo de poetas», de que, a meu ver, a *Mensagem* é a epopeia moderna, Fernando Pessoa falava de um «[i]mperialismo andrógino», que reunisse «todas as subtilezas do domínio feminino» e «todas as forças e estruturas do domínio masculino» (Pessoa 1978:226). Perigosos sonhos modernistas de transcendência, dir-se-á, na repressão, afinal falocrática, do saudável direito à diferença humana. Sem dúvida. Mas um sonho só se *corrige* com outro sonho. Por isso, em lugar da representação do tempo talvez perfeito do Eliot de «Burnt Norton», com que Isabel Allegro encerra o seu trabalho («Time present and time past/Are both perhaps present in time future./And time future contained in time past» [Eliot 1962:117]), gostava eu de ver citado o tempo decididamente *im-perfeito* de Penélope, re-imaginado por Stevens (em «The World as Meditation») como o tempo de inventar o próprio Ulisses (Stevens 1968:520):

Is it Ulysses that approaches from the
The interminable adventurer? [east,
.....
A form of fire approaches the cretonnes
[of Penelope
.....
But was it Ulysses? Or was it only the
[warmth of the sun
On her pillow? The thought kept beating
[in her like her heart.
The two kept beating together. It was
[only day.
It was Ulysses and it was not.

E assim se fecharia, como que em forma de esfera a imitar a perfeição, e a *perfar-se*, este *Tempo das mulheres*, que Isabel Allegro escolheu abrir justamente com um tema intitulado «Penélope ou o tempo circular e cíclico» (p. 19). ■

Referências Bibliográficas

Agostinho, Santo (1962), *Les Confessions. Oeuvres*. Bibliothèque Augustinienne, Desclée de Brouwer, vol. 14.

- Baudelaire, Charles (1954), *Oeuvres Complètes*, Paris, Bibliothèque de la Pléiade.
- Blake, William (1968), *The Poetry and Prose*, Garden City, N.Y., Doubleday & Company, Inc.
- Costa, Maria Velho da (1977)[1969], *Maina Mendes*, Lisboa, Moraes.
- Costa, Maria Velho da (1982), «Mulheres (claro-escuro)», *Jornal de Letras*, n.º 22, 22 Dez.-4 Jan.
- Costa, Maria Velho da (1983), *Lúcialima*, Lisboa, O Jornal.
- Eliot, T. S. (1962), *The Complete Poems and Plays*, New York, Harcourt, Brace & World, Inc.
- Feyerhabend, Paul (1978), *Against Method: Outline of an Anarchistic Theory of Knowledge*, London, Verso.
- Gersão, Teolinda (1981), *O silêncio*, Lisboa, Livraria Bertrand.
- Gersão, Teolinda (1982), *Paisagem com mulher e mar ao fundo*, Lisboa, O Jornal.
- Gonçalves, Olga (1980)[1975], *A floresta em Bremerhaven*, Lisboa, Livraria Bertrand.
- Gonçalves, Olga (1978), *Este verão o emigrante lá-bas*, Lisboa, Moraes.
- Hawking, Stephen W. (1988), *A Brief History of Time: from the Big Bang to Black Holes*, New York, Bantam.
- Jorge, Lídia (1980), *O dia dos prodígios*, Lisboa, Publicações Europa-América.
- Luís, Agustina Bessa (1954), *A sibila*, Lisboa, Guimarães Editores.
- Luís, Agustina Bessa (1979), *Fanny Owen*, Lisboa, Guimarães Editores.
- Meyerhoff, Hans (1955), *Time in Literature*, Berkeley, L. A., University of California Press.
- Pessoa, Fernando (1978), *Sobre Portugal: introdução ao problema nacional*, Lisboa, Ática.
- Stevens, Wallace (1968), *The Collected Poems*, New York, Alfred A. Knopf.